

# As lições de Alexandre

Conhecer os alunos é um dever e precisa fazer parte do Projeto Político-Pedagógico da escola, só assim será possível desnaturalizar o fracasso escolar e garantir direitos



WANDERLEY PESSOA/ACS-MEC

**Maria do Pilar Lacerda**

é diretora da Fundação SM, professora de história aposentada, ex-secretária municipal de Educação de Belo Horizonte e ex-secretária de Educação Básica do MEC.

No final dos anos 1980 eu era vice-diretora de uma grande escola pública municipal de Belo Horizonte. Eram 3.000 alunos e 80 turmas da 5ª série do fundamental ao 3º ano do ensino médio. Certa manhã entrou na minha sala Alexandre, que cursava o último ano do ensino médio. Ele participava do grêmio, adorava esportes e era ótimo aluno. Sentou-se e fez uma pergunta simples:

– Professora, eu vi que tem muitas carteiras estragadas lá no depósito, queria saber se eu posso levar o tampo de uma delas para casa.

– Pra quê você precisa de um tampo velho de uma carteira estragada, Alexandre?

– Pra servir de apoio na hora de estudar.

– Uai, mas na sua casa não tem mesa? – reparem na distância entre os profissionais da escola e seus alunos.

Apreendi, naquele dia, a conhecer os alunos de verdade, dialogando sempre. Perguntei a Alexandre como fazia para estudar e onde morava. Ele me contou que morava com 8 pessoas em um quarto/sala/banheiro/cozinha sem nenhuma mesa – luxo numa casa localizada em um conjunto habitacional construído para abrigar vítimas das enchentes dos anos 1970.

Também aprendi a me desvencilhar dos estereótipos: Alexandre era louro, olhos azuis, rosto muito claro e cheio de espinhas. Minhas ideias preconcebidas me levavam a pensar que um menino com aquela estampa e tão bom aluno não podia ser tão pobre assim.

Outra lição daquele episódio foi pensar sobre como tratava os alunos de maneira homo-

geneizada. Trabalhávamos com todos, mas esquecíamos o cada um, que cada criança é especial e única. Ele era um jovem participativo e uma liderança na escola, mas não sabíamos onde morava, como fazia para ir e voltar da escola, se trabalhava, com quem morava.

Fiquei imaginando suas agruras, dores nas costas e as “brincas” que ele deve ter levado porque o caderno estava amassado e sujo. E só fui descobrir tudo isso ao receber seu pedido.

Conhecer quem são os estudantes – sujeitos de direitos, cheios de vivências, alegrias, tristezas – é obrigação e deve fazer parte do Projeto Político-Pedagógico da escola. Cada aluno que chega deve ser entrevistado. A família deve ser convidada a conhecer a escola, seu funcionamento e ser apresentada aos professores e funcionários. Esses processos não ocorrem de forma espontânea ou improvisada, não são uma “concessão”, mas parte definidora das nossas ações pedagógicas.

A escola não conseguirá resolver todos os problemas, porque muitas das soluções estão fora de seus muros, mas conhecer a vida e a história dos alunos permite articular setores da gestão pública para oferecer a eles mais oportunidades. E ao conhecer e tratar pedagogicamente as dificuldades das crianças e jovens que estão sob nossa responsabilidade, podemos desnaturalizar o fracasso escolar e agir profissionalmente para fazer valer o princípio de que a escola é um espaço garantidor de direitos. E criar possibilidades para os Alexandres brilharem ainda mais sem precisar de tampos velhos de carteiras descartadas... ■

Alexandre era louro, olhos azuis, rosto claro e cheio de espinhas. Minhas ideias preconcebidas me levavam a pensar que um menino com aquela estampa e tão bom aluno não devia ser tão pobre assim